

EM BUSCA DE NOVOS HORIZONTES: MIGRAÇÃO E ENSINO SUPERIOR NOS PROJETOS DE JOVENS DE ORIGEM RURAL

Nadir Zago¹

Resumo: A proposta de comunicação se apoia em questões relacionadas à agricultura familiar, suas transformações, limites e desafios para as novas gerações. Chama a atenção para desigualdades sociais, econômicas, educacionais e culturais e suas repercussões no aumento da migração jovem, sobretudo feminina. Uma pesquisa de campo realizada no período 2011-2012 com universitários procedentes de áreas rurais do Estado de Santa Catarina, com forte tradição agrícola, reforça o debate atual entorno desses problemas assim como das demandas de escolarização e futuro profissional. No quadro destas questões o trabalho destaca a realidade social de um grupo de jovens universitárias para aprofundar dimensões de gênero no campo. Os resultados, obtidos em entrevistas com filhas de agricultores, estudantes de diferentes cursos do ensino superior, contemplam os processos de migração rural-urbana, as percepções sobre o mundo rural e as perspectivas socioprofissionais mediante a ampliação do capital escolar.

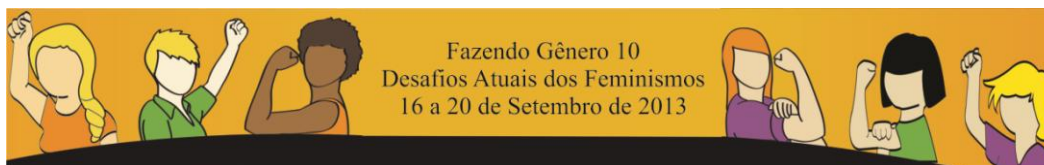
Palavras-chave: Juventude. Migração rural. Perspectivas profissionais.

Introdução

A grande maioria dos meus colegas está aqui ou em outra cidade. A maioria trabalha em frigorífico, não foi estudar, mas uns trabalham e procuram uma alternativa a mais: trabalham e estudam, comentou uma jovem entrevistada de 22 anos. Outro estudante fala da crise em que se encontra a agricultura familiar, da ausência de políticas para o setor, da migração e afirma: se depender da nossa geração vai acabar mesmo a pequena propriedade [rural]. Como estes outros depoimentos reforçam um fenômeno presente na literatura consultada: a intensificação do êxodo rural, especialmente da população jovem. A juventude, como observou Castro (2005), se encontra diante de muitos desafios e incertezas entre “ficar e sair” da atividade agrícola.

Dificuldades relacionadas ao acesso à terra para as novas gerações associadas às transformações nas relações de produção resultantes do processo de modernização capitalista da agricultura intensificaram a dependência do pequeno produtor ao sistema financeiro e agroindustrial e tiveram, igualmente, repercussões no grau de confiança no futuro da profissão. Outras mudanças na dinâmica social rural tem sido também uma referência constante na produção sociológica, entre outras, a redução da natalidade, o envelhecimento da população com a intensificação do êxodo

¹ Professora pesquisadora do programa de pós-graduação em educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó -Santa Catarina, Brasil.



rural² e a masculinização do campo (ABRAMOVAY, R. et alii, 1997; CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999; STROPASOLAS, 2006; SILVESTRO et al. 2001).

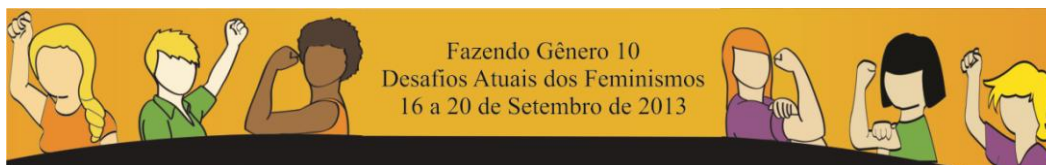
A migração de jovens do campo para a cidade não é um tema novo na pesquisa sociológica contemporânea, mas trata-se de uma questão social que vem ganhando maiores proporções na atualidade. Nas últimas décadas os movimentos migratórios do campo em direção à cidade são constituídos por uma população mais jovem do que no passado e, em maior grau, feminina (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1997). As estatísticas confirmam essa tendência: em 1950, há mais moças do que rapazes no meio rural brasileiro; em 1960 a proporção entre os sexos é praticamente a mesma, para ir aumentando a cada década o predomínio masculino. Em 1991, o número de rapazes na faixa de 15 a 19 anos é superior em 13% ao número de moças e, na faixa de 20 a 24 anos, é 12% superior. Mais recentemente, este processo de “masculinização do meio rural” vem atingindo também os pequenos municípios do interior. (ABRAMOVAY [s.d]).

Além dessas mudanças nas características migratórias, o esvaziamento demográfico modifica a rede de relações existentes no meio rural quando agricultores familiares são substituídos por proprietários, geralmente profissionais liberais (STROPASOLAS, 2006, p.22). Outro impacto da migração da população jovem é a ausência de sucessor na continuidade da propriedade familiar, conforme realidade constatada em 12% de estabelecimentos familiares da região oeste do estado de Santa Catarina (SILVESTRO et al., 2001, p. 19).

Em pesquisa realizada com 116 famílias, da qual participaram pais, filhos e filhas, os autores observam que “o estudo corroborou fortemente hipóteses que ligam as opções profissionais a dois fatores básicos: por um lado, à formação educacional dos próprios jovens, por outro o nível de renda das famílias” (SILVESTRO et al., 2001, p.29). Segundo resultados dessa pesquisa, o desejo de viver na cidade é tanto maior quanto menos promissor o horizonte de geração de renda no estabelecimento paterno (p.45). Além da renda, a disposição em permanecer ou não na agricultura depende igualmente do grau de instrução e do gênero. Conforme o mesmo estudo, com base na apreciação do seu grau de instrução, 72% dos rapazes consideram que terão maiores chances no meio rural, índice que cai para 54% em relação às moças (SILVESTRO et al., 2001, p.46).

Os mesmos autores chamam a atenção para as ambiguidades presentes nos discursos sobre as expectativas profissionais. Mais do que escolha, entendem que essa preferência pela continuidade da profissão paterna se apoia “fundamentalmente na percepção realista de que o nível educacional

² A evolução da população brasileira, segundo o local de residência rural/urbana, no período 1950-2010 confirma essa observação: em 1950 a proporção de pessoas residindo na zona rural era de 63,8%, 54,9% em 1960, 44,0% em 1970, 32,3 em 1980, 24,5 em 1991, 18,8% em 2000 e 15,7 em 2010. (DIEESE, 2011, p.63)

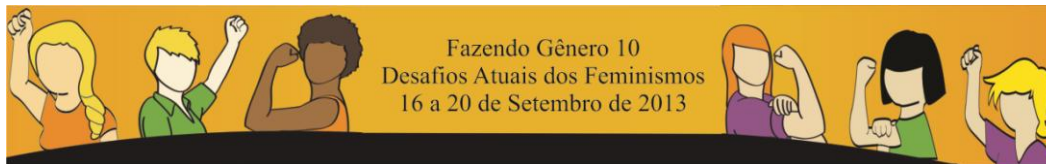


de que dispõem não permite à grande maioria destes rapazes ter um horizonte minimamente promissor fora do meio rural. Já as moças, a menor preferência por permanecer na profissão agropecuária associa-se, nitidamente, ao melhor nível educacional” (SILVESTRO et al., 2001, p. 60). Dados fornecidos por outro estudo revelou, igualmente, que: “os rapazes superam as moças tanto nas avaliações positivas quanto no desejo de estabelecer residência no meio rural (45% das moças e 71% dos rapazes)”³. Mas como observam os autores deste estudo, os projetos almejados contrariam as perspectivas de continuidade na agricultura em função das condições desfavoráveis de permanência (BRUMER et al., 2008, p.6).

Citando ainda o estudo de Silvestro et al. (2001, p.51), o tempo de permanência no sistema de ensino se mantém ainda reduzido, independentemente da renda familiar, porém com diferenças entre o grau de instrução dos que permanecem no campo, que é em geral baixo, dos jovens que migram em busca de ocupações urbanas. Em relação ao grau de escolaridade, “entre os que foram para a cidade, o nível educacional cresce conforme a renda familiar, o que não se observa entre os que permaneceram na agropecuária” (p.52). Neste último grupo, nenhum jovem detinha nível superior à oitava série (p.50, 51), realidade que segundo os autores, “confirma a asserção segundo a qual ou se estuda, ou se fica no campo”. (SILVESTRO et al., 2001, p. 48). Por outro lado, considerando os resultados escolares dos filhos e filhas, verificaram uma situação mais favorável para o sexo feminino: 30% dos rapazes tinham quatro anos de estudo, 44% estavam cursando a última etapa do ensino fundamental (5ª a 8ª série) ou tinham concluído esse nível de ensino e 22% haviam concluído ou estavam cursando o ensino médio; já entre as moças, estavam na primeira situação 13%, 29% na segunda e a maior parte, ou 56%, concluíram ou estavam cursando o ensino médio. O índice de acesso ao ensino superior era baixo para os dois grupos: 1% dos rapazes e 2% das moças (SILVESTRO et al., 2001, p.54-55).

Essa observação de maior investimento escolar por parte das filhas não exclui as desigualdades de gênero em um universo cultural onde a divisão do trabalho, a distribuição da herança e o gerenciamento da propriedade continuam favorecendo os homens em detrimento das mulheres. A literatura consultada apoia essa observação ao indicar além dos condicionantes estruturais, características intrafamiliares relacionadas à subordinação das mulheres e dos filhos à autoridade do pai, ao mesmo tempo chefe da família e da unidade de produção; a divisão do trabalho apoiada em princípios de autoridade, sexo e idade dos membros, à desigualdade na

³ Os resultados fazem parte de um estudo, realizado em 2007, com jovens de ambos os sexos, originários da agricultura familiar de três estados do sul do país: 473 do Paraná, 558 de Santa Catarina e 642 do Rio Grande do Sul. (BRUMER et al.,2008).



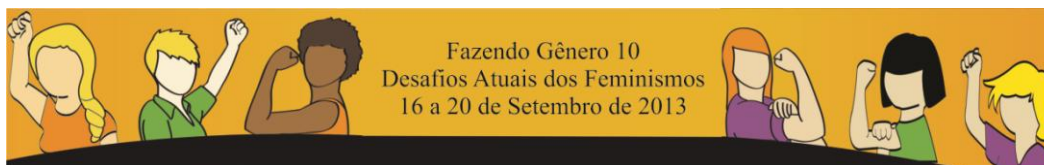
sucessão da propriedade familiar, embora as pesquisas venham assinalando mudanças nesses padrões culturais. Como já foi observado “a problemática da reprodução da agricultura familiar torna-se mais complexa à medida que são trazidos à tona os elementos de diferenciação de gênero que com ela interagem” (BRUMER et al., 2008, p.6).

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa que inclui questões relacionadas às desigualdades sociais e processos de escolarização de jovens de procedência rural. A categoria jovem rural é ainda pouco conhecida, como observa Castro (2005); os jovens rurais ganham visibilidade na produção acadêmica sobretudo pela dimensão do trabalho, permanecendo uma lacuna sobre suas demandas e formas de inclusão nas demais esferas da vida (CARNEIRO, 2005, p.244). Acrescento ainda que a produção no campo da sociologia da educação, que trata das questões concernentes à escolaridade segundo os grupos sociais, se voltou especialmente à realidade urbana.

O estudo a ser apresentado parte do fenômeno acima abordado da migração seletiva, especialmente jovem e em maior proporção feminina, que vem assumindo proporção crescente nas áreas de domínio da agricultura familiar no sul do país e, nesta, de maneira expressiva no oeste do estado de Santa Catarina ⁴, região de origem da maior parte dos entrevistados. Com base em pesquisa que venho realizando com universitários, o trabalho trata dos processos de migração, sua significação e demandas pela ampliação do capital cultural e o ensino superior como parte de seus projetos, profissionais e de vida. A análise dos resultados contempla parte dos dados obtidos em duas pesquisas: a primeira concluída em 2003⁵ que contou com 12 estudantes de procedência rural, de ambos os sexos, que frequentavam o ensino superior público de uma universidade federal; a segunda, em andamento, com 10 universitários, na sua maioria (oito) de instituições privadas. Nos dois casos eles são originários de áreas geográficas com forte tradição agrícola do estado de Santa Catarina, sobretudo de regiões meio oeste e oeste deste estado. Para efeito do presente trabalho, foram privilegiadas as entrevistas com as universitárias (total de 13), participantes das pesquisas citadas. Elas frequentavam diferentes cursos do ensino superior: Agronomia, Psicologia, Farmácia, Ciências Biológicas, Odontologia, Letras, Serviço Social, Pedagogia. O presente texto foi direcionado para duas questões principais: 1) as transformações no campo e o fenômeno da intensificação do êxodo dos jovens em direção à cidade; 2) o acesso ao ensino superior e a realidade social de grupo sociais que historicamente ficaram à margem deste nível de formação. Entre os objetivos, destaco o interesse em contribuir com o conhecimento sociológico acerca das relações de

⁴ Entre outros autores, Stropasolas, 2006; Abramovay, R. et al., 1997; Silvestro et al., 2001.

⁵ 27 universitários participaram da pesquisa, sendo 12 de procedência rural.



gênero no campo e das configurações sociais dos novos públicos que ingressam no ensino superior brasileiro.

Destino social e horizonte escolar de jovens universitários de origem rural

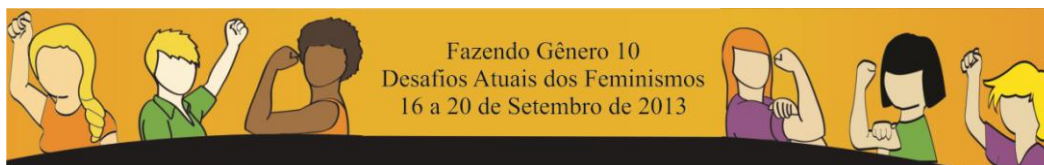
Como vem sendo reafirmado em diversas publicações, a população universitária tornou-se mais diversificada quanto a sua composição social, por faixa etária, gênero e raça, origem geográfica e trajetórias de vida. Considerando o histórico processo de exclusão dos jovens de procedência rural no ensino superior, parto da hipótese que eles fazem parte do que vem sendo chamado de “novos públicos” nas universidades brasileiras.

Além das especificidades do contexto rural, entre outras, a participação precoce de crianças e jovens no trabalho doméstico e agrícola, a dispersão geográfica e escassez de transporte coletivo, persistem problemas relacionados à infraestrutura educacional no campo, entre eles, de oferta escolar (INEP, 2007), que dificultam a permanência da população rural nas escolas. Nos relatos das universitárias entrevistadas há um denominador comum representado pelo desejo de sair da agricultura e dar continuidade aos estudos. As justificativas mais recorrentes neste projeto estão relacionadas à avaliação que fazem do trabalho da agricultura, julgado penoso, e a intenção de ampliar o horizonte de possibilidades profissionais que acreditam encontrar na vida urbana, como sintetiza essa estudante de agronomia:

O agricultor trabalha, não tem páscoa, não tem ano novo, não tem sol, não tem chuva. Você tem os animais que precisam comer, a lavoura que precisa colher, então nesse sentido, não tem como você dormir um dia até nove horas [...], não é pouco trabalho que tem numa propriedade rural. Eu sempre trabalhei muito, eu e meus irmãos, por causa da necessidade [...] Mas é claro que no meio rural tem muitas coisas que a cidade não pode proporcionar como o contato com a natureza, trabalhar com animais, comer uma alimentação mais saudável.

Na citação acima a estudante faz uma ponderação entre as vantagens e desvantagens da vida no campo, comparação que não raro deixa os jovens em posições ambíguas quando justificam suas expectativas profissionais, sobretudo os rapazes, pois são eles que, tradicionalmente, dão continuidade à propriedade familiar. As moças, de modo geral, são categóricas em afirmar a sua decisão pela busca de outras oportunidades, no meio urbano. Durante as entrevistas ouvi vários depoimentos relacionados às transformações no campo e, sobretudo, sobre a falta de oportunidades de trabalho e outros recursos como educação, saúde e lazer para os jovens.

Conforme dados de outra pesquisa, a grande maioria daqueles que migram para a cidade fazem-no para trabalhar e não para continuar seus estudos: apenas 14% dos filhos dos agricultores



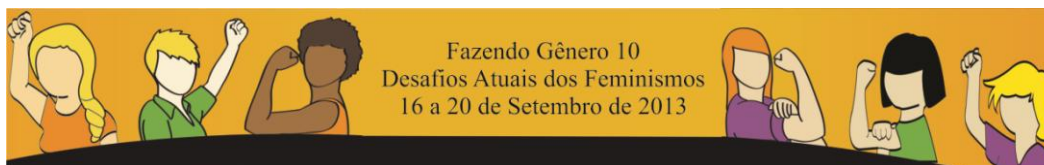
entrevistados e que migraram para a cidade tinham como objetivo a continuidade dos estudos e somente 12,5% daqueles que saíram da propriedade conseguiram avançar na sua formação educacional (SILVESTRO et al., 2001, p.53-54). Diferente desta tendência pode-se observar, em relação aos universitários entrevistados, a definição de um projeto que inclui trabalho e continuidade dos estudos na perspectiva de ampliar as oportunidades de inserção social. É nesse quadro que o trabalho doméstico, entre outros que se sucedem, vão desenhando trajetórias e condições de inserção no sistema de ensino superior e o enfrentamento de realidades que incluem velhas e novas desigualdades sociais e educacionais.

Para ilustrar essa realidade e o processo de investimento pessoal que conduz os jovens a patamares mais elevados de escolaridade, destaco parte da trajetória de uma estudante do curso de Letras. Os elementos que ela forneceu sobre sua vida de estudante trabalhadora condensam traços de uma realidade que longe de ser um caso particular revelam, com algumas variações, percepções, experiências e sentimentos da grande parte das universitárias.

O percurso de Luana: dimensões socioculturais e etapas de uma trajetória

Quando entrevistei Luana ela tinha 25 anos, morava na residência universitária, era estudante da 8ª fase do curso de Letras [alemão], cursado no período noturno de uma instituição pública de ensino superior. Sua trajetória revela a passagem do campo para a cidade, o sentido dos estudos, suas perspectivas de trabalho e de vida e intensa mobilização pessoal para permanecer no sistema de ensino, num ambiente familiar de poucos recursos financeiros e culturais, questões igualmente presentes nos depoimentos das demais entrevistadas. Seus pais, agricultores e proprietários da terra onde trabalhavam, cursaram as primeiras séries do ensino fundamental. Eles tiveram dois filhos: o mais velho, obteve diploma com nível técnico e Luana, estudante de Letras. Ambos se estabeleceram na cidade, permanecendo na propriedade rural apenas os pais. Neste caso, como de vários outros entrevistados, a hipótese mais provável é da ausência de sucessor(a) para dar continuidade à unidade agrícola familiar.

A escolaridade de Luana teve início em uma localidade rural do oeste do estado de Santa Catarina. O limite de oferta escolar e de infraestrutura de transporte dificultava o prosseguimento dos estudos e a permanência na residência familiar. Conforme situação fundamentada em outra pesquisa, essa realidade representa um limite muitas vezes determinante no prosseguimento dos estudos dos filhos de agricultores e continua sendo uma realidade ainda atual (ZAGO, 1989; INEP, 2007). Luana enfrentou essas dificuldades, mas manteve o propósito de continuar estudante e, assim



como as demais entrevistadas, não pretendia permanecer na agricultura e manifestava uma visão desfavorável deste horizonte profissional.

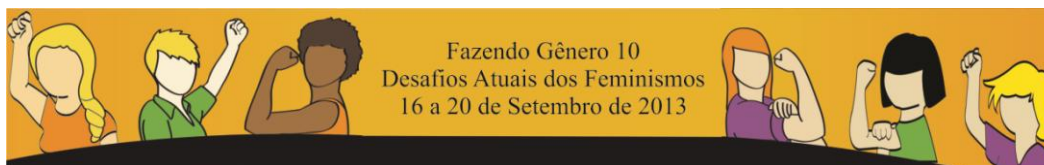
A gente cansa dessa vida de trabalhar em roça, é uma vida pesada [...] e eu nunca gostei muito disso [...] Como tava muito difícil arrumar um lugar pra mim ficar [moradia], eu tava quase desistindo e a minha mãe chegou e disse: 'olha, sabe de uma coisa: por que você não vai capinar junto com a gente? Eu disse 'eu não quero isso para mim'. Por sorte deu tudo certo e eu continuei estudando.

Entrevistadora - E qual foi a reação dos pais sobre essa mudança?

Luana - Eu acho que eles não imaginavam que a gente chegaria numa universidade. Eles nem sabiam o que era uma universidade, o máximo que sabiam era o segundo grau [...]. Eles sempre disseram: 'a gente não tem muitas condições de ajudar vocês, mas pelo menos garantir que vocês tenham acesso à escola a gente vai ver se consegue'. Apesar da gente sempre ter que trabalhar muito em casa e na lavoura, tinha aquele período de ir pra aula. A gente sempre estudava de manhã, porque o período da tarde é mais longo pra trabalhar na roça. Então o dever de casa, essas coisas, tinha que fazer à noite. Apesar de tudo isso, nenhum dos dois foi mal na escola, a gente sempre conseguiu ter um nível médio pra bom. Foi assim que a gente foi conduzindo.

Durante o ensino básico Luana contou com a mobilização familiar, prova disso foi a decisão dos seus pais de vender a propriedade rural e adquirir outra cuja localização fosse mais favorável à continuidade dos estudos dos filhos. A influência parental se fez também presente nas formas de transmissão de valores morais, da ética do trabalho e da importância dada aos estudos. É possível levantar a hipótese de que esse histórico familiar exerceu um papel significativo na formação de disposições favoráveis à escolarização. As afirmações de que os pais foram os grandes incentivadores da escolaridade dos filhos e de que estes não repetissem sua própria história são recorrentes nas demais entrevistas: Essa orientação voltada para a ampliação dos estudos parece tão mais forte quanto menor a possibilidade de renda da propriedade familiar, conforme mostrou outra pesquisa (SILVESTRO et al., 2001). O desempenho escolar favorável nos níveis que antecedem o ensino superior, conforme histórico da maioria dos entrevistados, representa outro elemento que mobiliza investimentos na continuidade dos estudos, como também já foi verificado em contextos sociais de baixo capital cultural (ZAGO, 2006, 2011).

Motivada pelo forte propósito de continuar os estudos além do ensino fundamental, Luana deixou a casa dos pais e se instalou em uma cidade próxima. No meio rural o prosseguimento dos estudos além do ensino médio, com frequência implica em mudança de residência com o adicional de despesas (custos com os estudos, alojamento, alimentação, entre outros) com as quais as famílias raramente podem arcar ou as assumem parcialmente e com dificuldades. Os investimentos financeiros são ampliados na medida em que a saída dos filhos reduz a mão de obra na agricultura familiar. Quando a possibilidade de acesso ao ensino superior se confirma, cria-se um novo fato,



não isento de impasses e mesmo de conflitos na família: a viabilidade financeira para manter o jovem em uma instituição, sobretudo quando de natureza privada. Desencorajados pela auto-avaliação de suas chances objetivas, vários entrevistados não se inscreveram para prestar vestibular em universidades públicas da rede federal. Ao responder à pergunta “O que foi decisivo na sua formação?” assim respondeu a referida estudante de Agronomia:

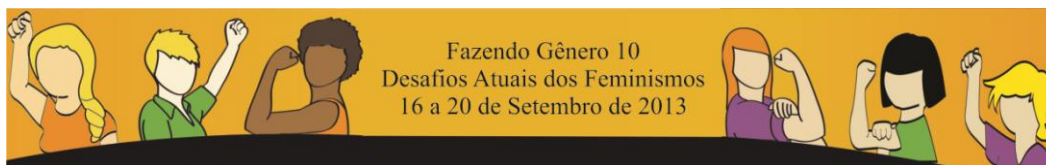
Vontade própria. No começo eles [pais] queriam que eu estudasse, mas ao mesmo tempo não ficaram me incentivando, sei lá, por medo. O principal, o que pesava pra eles não me incentivar tanto era o medo de não conseguir me sustentar financeiramente aqui [em Florianópolis]. O que mais complicou foi o fator financeiro. Aí eles não me incentivaram porque eles acharam que era melhor não sair de casa do que eles não conseguir me ajudar até o final do curso. Foi vontade minha mesmo.

Os limites financeiros e a falta de recursos materiais das famílias para viabilizar a manutenção dos filhos na cidade fazem parte da história de vida de todos jovens que fizeram parte da pesquisa. Assim como as demais entrevistadas, Luana foi uma trabalhadora estudante do ensino básico ao superior. Para continuar os estudos e garantir sua sobrevivência na cidade, exerceu ocupações que incluem serviços domésticos⁶, magistério, comércio, entre outros. No ensino médio optou pelo curso de magistério, em um colégio particular, que financiou com seu próprio trabalho, inicialmente como empregada doméstica e, em outro momento, como professora de educação infantil.

Comecei como empregada doméstica, depois eu fiz um teste num jardim de infância, passei e fui trabalhar lá. Comparando com o que você ganha trabalhando como empregada doméstica já é bem melhor, é muito desvalorizado o serviço [doméstico] em cidade pequena, pagam muito mal, mal dá para pagar os estudos.

O trabalho doméstico vai novamente fazer parte de outra fase de sua trajetória, quando se transferiu para a capital do Estado a fim de ingressar na universidade pública. Seus depoimentos descrevem várias estratégias adotadas para garantir sua sobrevivência, mas com um foco direcionado para o curso de letras, na especialidade língua estrangeira – alemão. Conforme declarou “se eu cheguei até aqui, custe o que custar eu vou começar o curso e vou terminar esse curso”. Seus pais são de origem alemã e foi nesse meio cultural que ela adquiriu, desde a infância, familiaridade com o idioma estrangeiro. Luana se apropria dessa herança para definir sua formação universitária. Com o apoio de uma amiga, decidiu ter uma experiência de trabalho na Alemanha, interrompendo temporariamente o curso de Letras. De posse de recursos que obteve em acordo no último local de trabalho, financiou a viagem ao exterior. “Passei o ano de 2000 todo lá [Alemanha] e o que eu mais tinha lá era tempo pra pensar sobre a vida, sobre o que eu realmente queria e o que eu não queria e

⁶ Cinco das 13 entrevistadas declararam ter exercido essa mesma atividade.

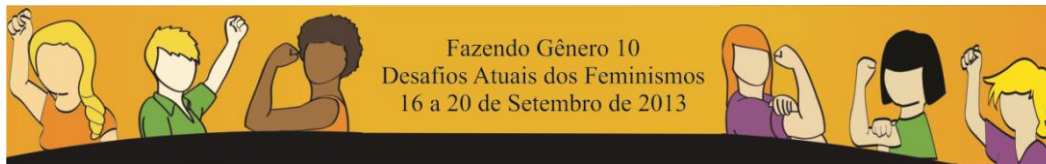


voltei realmente com outras ideias, outros pensamentos, o que eu queria com o curso”. Decidida a investir na sua área de formação, não retornou para o mesmo local de trabalho, embora tivesse essa oportunidade: “eu to fazendo um curso de secretariado, eu não quero trabalhar em um caixa a minha vida toda, eu preciso correr atrás de alguma coisa que tenha a ver com meu curso”. Com essa afirmação ela revela não apenas a negação do trabalho “pesado” do campo, mas também a existência de um projeto voltado para uma ocupação mais valorizada no mercado de trabalho urbano e compatível com sua formação universitária. Nas fases finais do curso obteve uma bolsa de trabalho no setor de estágio da universidade o que possibilitou ampliar seu capital de informações e poder de escolha. Nessa ocasião ela optou por um estágio na justiça federal com melhor remuneração e afinidade com sua formação. Nesta fase, ela assume também uma turma extracurricular de língua estrangeira (alemão).

Considerações finais

O presente trabalho reforça a observação de Champagne (1987, p.51) segundo o qual o êxodo rural se inscrever em contextos diferentes tornando-se necessários distingui-los para não confundir processos que não tem a mesma significação. A literatura consultada e dados obtidos nas entrevistas mostram variações nas perspectivas dos jovens em relação ao seu futuro profissional: há maior proporção por parte dos rapazes em permanecer na agricultura do que entre as moças; ou ainda, entre os que saem em busca de oportunidades no mercado de trabalho urbano, não o fazem necessariamente apoiados em um projeto de continuidade dos estudos. Os universitários entrevistados, de ambos os sexos, fazem parte de uma fração de jovens do campo que apostam na mudança do setor de atividade mediante credenciais de maior escolaridade.

O significado atribuído à educação formal, pelos jovens, não se encontra isolado das condições sociais da reprodução camponesa, do forte apelo social pela ampliação da educação formal, das exigências de formação no mercado de trabalho urbano, mas também do desejo de ampliar as possibilidades de realização pessoal. A decisão de moças e rapazes que deixam a casa dos pais em busca de outras oportunidades não é de mão única, ela está apoiada em um conjunto de fatores estruturais e intrafamiliares, além de outras experiências sociais em contraste com o isolamento no campo, que constroem um modo de ser jovem e sua identidade. A análise dos seus percursos, do campo para a cidade, permite reconhecer a influência de várias dimensões implicadas nessa relação dialética entre os determinantes globais da realidade, os fatores geográficos, culturais e de mobilização dos sujeitos sociais na definição de suas vidas.



O trabalho evidencia que a noção de estudante é extremamente genérica para dar conta das diversidades econômicas, sociais, culturais e das experiências construídas ao longo da vida e durante a formação dos estudantes. O percurso de Luana é semelhante ao de milhares de jovens nesse país, sejam originários do campo ou da cidade, que precisam trabalhar para sobreviver. O trabalho doméstico é parte de uma etapa seguida de outras tentativas em busca de uma renda e ocupação que permita viabilizar a sobrevivência material e a condição de estudante. Com detalhes Luana descreve as dificuldades que precisou enfrentar na sua formação de estudante-trabalhadora.

Há outros aspectos dessa condição dos estudantes, tanto em relação ao acesso quanto à permanência no ensino superior, que não são aqui analisados pelo próprio limite da extensão deste trabalho.

Referências

ABRAMOVAY, R. et al. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Chapecó/Brasília: FAO/INCRA/EPAGRI-SC/Centro de pesquisa para a pequena propriedade. 1997.

ABRAMOVAY, R. (s.d.) *Agricultura familiar e desenvolvimento territorial*. Consulta em 20/01/2012 ftp.sp.gov.br/ftpinstitutodeterras/abramovay.doc

BRUMER, A.; PANDOLFO, G. C.; CORADINI, L. *Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil*. Anais do VIII Seminário Fazendo Gênero Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. 25 a 28 de agosto de 2008.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R ; **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro; IPEA, 1999. http://www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0621.pdf (acesso em 21.06.2012)

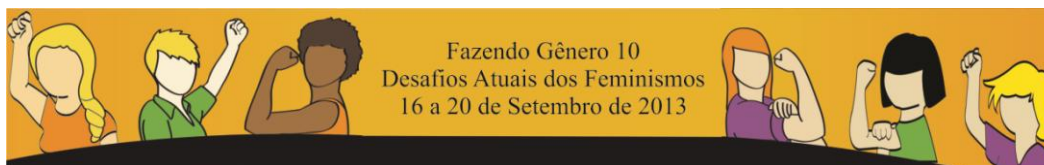
CHAMPAGNE, Patrick. *Capital culturel et patrimoine économique*. In Actes de la recherche en sciences sociales, Minuit, n. 69, 1987. pp. 51-66.

CASTRO, E. G. de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

CARNEIRO, M.J. Juventude rural: projetos e valores. In ABRAMO, H. W. et al. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.

DIEESE. **Estatísticas do meio rural 2010-2011**. 4ª ed. São Paulo: DIEESE, NEAD; MDA, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Panorama da Educação do Campo**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, 44p.



STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M. A. de; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T.. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001, 122 p.

ZAGO, N. **Travail des enfants et scolarisation dans le milieu paysan**: une etude aupres des familles d'exploitants agricoles dans l'Etat de Santa Catarina (Bresil). Tese de Doutorado em Ciencias da Educaçao, Universite Rene Descartes, Paris, 1989.

ZAGO, N. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, L. P. e ZAGO, N. (Org.) **Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 128-153.

ZAGO, N. *Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n. 32, p.226-237, 2006.

ZAGO, Nadir. Agricultura familiar e destinos sociais dos jovens: entre a permanência na agricultura e a busca de novos horizontes via escolarização. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M.A.; ZAGO, N. (Orgs.) **Família & escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013. p.165-195.

Searching new horizons: migration and higher education as a life project of the countryside youth

Abstract: The paper is based on subjects related to family farm changes, limitations and challenges for future generations. It brings out social, economic and cultural inequalities on the countryside and its consequences on the increasing migration of the young people, especially women. A field research made between 2011 and 2012 with graduate students coming from rural areas of the Santa Catarina state reinforces the present discussion among these problems as well as the actual needs for education and professional life. The work shows the social reality of a group of young women to detail the gender differences on the countryside. The results, obtained from interviews with graduate female students from different graduation programs, include the migration processes from rural to urban areas, the perceptions over the agricultural life and the social and professional perspectives raised from the educational investments. As a general goal, the research aims to contribute with the sociological knowledge about the rural youth and the social realities of these new students who join the higher education in Brazil.

Keywords: Rural youth. Rural flight. Higher education.